

## O DEBATE DA LGBTFOBIA NA ANPED: EPISTEMOLOGIAS DO ARCO - ÍRIS

*THE LGBTPHOBIA DEBATE AT ANPED: RAINBOW EPISTEMOLOGY*

Filipe Antonio Ferreira da Silva<sup>1</sup>

RECEBIDO EM: 15/09/2017 / APROVADO EM: 20/10/2017

DOI: 10.5902/2317175829074

### RESUMO

A presente pesquisa, do tipo Estado da Arte, realiza uma investigação das produções sobre as pesquisas que trazem em sua temática o enfrentamento da LGBTfobia apresentadas nos Grupos de Trabalhos (GT) da ANPED, sendo os GTs (03) Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos e (06) Educação Popular nos anos de 2004 até 2015 (doze anos). Nossa problematização pretende investigar quais as contribuições teórico-metodológicas desenvolvidas no campo dos movimentos sociais e na educação popular para o enfrentamento da LGBTfobia. Para realizarmos essa coleta, elencamos como objetivo geral estudar as contribuições teórico-metodológicas desenvolvidas no campo dos movimentos sociais e na educação popular para o enfrentamento da LGBTfobia, e como objetivos específicos procuramos sistematizar as contribuições teórico-metodológicas desenvolvidas no GT 03 Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos da ANPED nos anos de 2004 a 2015 no enfrentamento da LGBTfobia e sistematizar as contribuições teórico-metodológicas desenvolvidas no GT 06 Educação Popular da ANPED, nos anos de 2004 a 2015, no enfrentamento da LGBTfobia. Embasaram teoricamente essa investigação pesquisadores das temáticas de Gênero, Sexualidade e Diversidade Sexual, juntamente com as perspectivas pós-estruturalistas e de Estudos Culturais. Nossa análise se deu pelo Método do Caso Alargado (SANTOS, 1983). Dentre os 303 trabalhos apresentados nos GTs (03) e (06) da ANPED, em doze anos, apenas cinco trabalhos foram escolhidos em virtude de discutir a emergência do enfrentamento da LGBTfobia no âmbito da escola e da sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** LGBTfobia; Movimentos Sociais; Educação Popular

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea pela Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste (UFPE/PPGEDUC/CAA). Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco/Centro Acadêmico do Agreste - UFPE/CAA (2016). E-mail: filipe.antonio20@hotmail.com.

## ABSTRACT

*The present research, of the State of the Art type, carries out an investigation of the productions about the researches that bring in their thematic the confrontation of the LGTbfobia presented in the Groups of Works (GT) of ANPED, being the GTs (03) Social Movements, Subjects and Educational Processes and (06) Popular Education in the years 2004 to 2015 (twelve years). Our problematization intends to investigate what the theoretical-methodological contributions developed in the field of social movements and in the popular education to the confrontation of the LGTbfobia. In order to carry out this collection, we have as a general objective to study the theoretical-methodological contributions developed in the field of social movements and popular education to confront LGTbophobia and as specific objectives we seek to systematize the theoretical and methodological contributions developed in GT 03 Social Movements, Subjects and Educational Processes of ANPED in the years 2004 to 2015 in confronting LGTbfobia and systematizing the theoretical and methodological contributions developed in GT 06 Popular Education of ANPED in the years of 2004 to 2015 in the confrontation of LGTbfobia. These researchers are theoretically based on the themes of Gender, Sexuality and Sexual Diversity, together with the poststructuralist perspectives and Cultural Studies. Our analysis was based on the Extended Case Method (SANTOS, 1983). Among the 303 papers presented in ANPED WGs (03) and (06), in twelve years, only five papers were chosen because they discussed the emergence of LGTbfobia confrontation within the school and society.*

**KEYWORDS:** LGTbfobia; Social Movements; Popular Education

## 1 Introdução

Vivenciamos uma nova era de sociedade, conceituada teoricamente como pós-modernidade (SANTOS, 2006), na qual os arranjos globais e locais fabricam os papéis os quais nós, enquanto sujeitos sociais, devemos cumprir. É dentro desses arranjos sociais que as questões de cultura, diferença e educação são interpe-ladas por um único modelo hegemônico de sociedade, a regra heteronormativa (BORRILLO, 2010; PRADO & MACHADO, 2008; LOURO, 1997). Por se consolidar como a norma a ser seguida e padronizada, os sujeitos sociais que fogem dessa norma são vistos e acionados como subversivos e marginais, pois quebram com a cultura dominante, desestabilizam a diferença e transformam a educação em uma bandeira de luta contra as opressões, discriminações e subalternizações.

Mas quem são essas pessoas que quebram com a classificação social e a monocultura do saber imposto pela cultura dominante e do cânone científico? Pergunta esta que fazemos dentro de um plano micro e macro, demarcado por relações de poder e de forte resistência. Historicamente, as mulheres, os/as negros e negras, os indígenas, os camponeses e camponesas, os pobres, os deficientes, estudantes e os LGBTs (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) fazem um “verdadeiro carnaval”, como canta Caetano Veloso. São identidades marginais, subalternizadas, marcadas pelo silenciamento, desenhados como não-existentes (SANTOS, 2003). Diante desses grupos transgressivos, este artigo se propõe a investigar mais sistematicamente a identidade LGBT e o enfrentamento da LGTbfobia.

Trazer o debate da LGBTfobia para o campo da educação se traduz como uma verdadeira guerra contra hegemônica ao modelo heterossexual que estamos respirando cotidianamente. É na escola em que os corpos são padronizados, enquadrados e submetidos à uma vigilância quase que sagrada. Papéis sexuais são produzidos, sexo e gênero hierarquizados em relação de poder e subalternização. Nada pode fugir do cânone normativo imposto pela sociedade. E como os corpos transgressivos fogem e desestabilizam as normas de gênero e sexualidade na escola? Como é feita essa subversão? A diferença e a identidade são negociadas? A escola consegue lidar com esses dilemas ou simplesmente segue a lógica da escala dominante? (SANTOS, 2003).

Tentando problematizar essas questões, nosso artigo se propõe a investigar quais as contribuições teórico-metodológicas desenvolvidas no campo dos movimentos sociais e na educação popular para o enfrentamento da LGBTfobia. Esse questionamento surge a partir de discussões teóricas e práticas que surgiram na Disciplina Eletiva Movimentos Sociais e Educação Popular do Programa de Mestrado em Educação Contemporânea, ofertada pelos professores Doutores Allene Lage (UFPE-PPGEDUC-CAA) e Everaldo Fernandes (UFPE-PPGEDUC-CAA) na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, localizada no Centro Acadêmico do Agreste (campus universitário construído no programa de interiorização de Universidades Federais, implementados na gestão do Ex-presidente Lula e da nossa presidenta Dilma Rousseff). A relevância de disciplinas como essas trazem em seu campo teórico e empírico a audaciosa perspectiva de uma educação forjada no centro dos movimentos sociais e dentro de uma perspectiva de educação popular, visto o momento em que estamos vivendo sobre uma despolitização dos movimentos sociais e em busca de uma educação técnica e positivista.

Para realizarmos essa coleta, elencamos como objetivo geral estudar as contribuições teórico-metodológicas desenvolvidas no campo dos movimentos sociais e na educação popular para o enfrentamento da LGBTfobia, e como objetivos específicos procuramos sistematizar as contribuições teórico-metodológicas desenvolvidas no GT 03 Movimentos Sociais, sujeitos e processos educativos da ANPED, nos anos de 2004 a 2015, no enfrentamento da LGBTfobia, e também no GT 06 Educação Popular da ANPED, nos anos de 2004 a 2015, no enfrentamento da LGBTfobia.

## 2 Metodologia

Como campo teórico, as produções científicas também produzem epistemologias subversivas que desestabilizam as concepções científicas de cunho positivista, de governabilidade neoliberal e de base biológica (essencialização do sexo e do gênero), criando outras fontes, outras histórias, outras identidades, outras experiências de caráter não-linear e credíveis de existência. Como campo de coleta de dados, elencamos os artigos da ANPED (Associação Nacio-

nal de Pós-graduação e Pesquisa em Educação) dos GTs (grupo de trabalho) Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos (03) e o de Educação Popular (06) a partir dos anos de 2004 até 2015, sendo esse um período de doze anos. Escolhemos o ano de 2004 para iniciarmos a sistematização dos artigos, porque até então a ANPED não existia o GT 23 de Gênero, Sexualidade e Educação, que passou a receber trabalhos em 2004. Sendo assim, é proposto problematizar se os/as pesquisadores na área de pesquisas em movimentos sociais e educação popular, mesmo com a criação de um GT específico, iriam trazer trabalhos dentro de outras abordagens e teorizações, para além das teorizações de gênero, da teoria *Queer*, dos Estudos foucaultianos e da perspectiva pós-estruturalista de análise feitos no GT 23.

Utilizamos como abordagem metodológica a pesquisa tipo Estado da Arte ou como é conhecida também como Revisão de Literatura. Esse tipo de pesquisa é caracterizado como natureza documental-bibliográfica. Como bem conceitua Laville e Dionne (1999), a pesquisa do tipo Estado da arte:

Tenta encontrar essencialmente os saberes e as pesquisas relacionadas com sua questão; deles se serve para alimentar seus conhecimentos, afinar suas perspectivas teóricas, precisar e objetivar se aparelho conceitual. Aproveita para tornar ainda mais conscientes e articuladas suas intenções e, desse modo, vendo como outros procedem em suas pesquisas, vislumbrar sua própria maneira de fazê-lo (LAVILLE & DIONNE, 1999, p. 113).

Neste artigo foi realizado um balanço de investigações sobre o tema do enfrentamento da LGBTfobia, levando em consideração os trabalhos publicados nos GTs (03) e (06) da ANPED nos últimos doze anos (2004-2015). A sistematização focou sobre a quantidade de trabalhos publicados, as abordagens teóricas, os tipos de pesquisa e a metodologia. De forma sistematizada, foram feitos os seguintes procedimentos que construíram o caminho metodológico:

- Leitura dos títulos, resumos e palavras-chave dos GTs (03) e (06) da ANPED nos últimos doze anos, sistematizando os trabalhos referentes ao tema de enfrentamento da LGBTfobia;
- Consulta e seleção dos artigos apresentados nos GTs (03) e (06), sobre o tema “enfrentamento da LGBTfobia” nos anos de 2004 a 2015, por meio da identificação dessa temática e suas subtemáticas como “homofobia”, “lesbofobia”, “bifobia” e “transfobia” nos títulos, resumo e/ou palavras-chave;
- Leitura na íntegra dos trabalhos selecionados;

O nosso estudo também é de cunho quantitativo e qualitativo. Em cada ano da ANPED (2004-2015), foram elencados dados quantitativos sobre os GTs (03) e (06) de maneira a oferecer informações para uma análise qualitativa, na

perspectiva de Minayo (2008) "Análise e tratamento do material empírico e documental, diz respeito ao conjunto de procedimentos para valorizar, compreender, interpretar os dados empíricos, articulá-los com teoria" (MINAYO, 2008, p. 26 e 27). Assim, comparamos as produções científicas do GT (03) e do GT (06) no enfrentamento da LGBTfobia de cada ano da ANPED (2004 até 2015), buscando sistematizar os principais achados em cada artigo e sua posição teórica-metodológica (título, autores, Universidade, abordagem teórica, participantes da pesquisa, tipo de estudo, metodologia e ano de publicação), bem como os objetivos das produções científicas e seus principais achados para o enfrentamento da LGBTfobia.

Encontramos um total de 146 artigos no GT (03) e 157 artigos no GT (06), nos anos de 2004 até 2015, fazendo um total de 303 artigos. Porém, apenas 5 artigos traziam para o debate o enfrentamento da LGBTfobia. Ficaram de fora de nossa análise o total de 298 trabalhos completos apresentados nos respectivos GTs (03) e (06) que não abordavam o tema de enfrentamento da LGBTfobia. Foram analisados 4 artigos do GT (03) e apenas 1 do GT (06).

A Análise dos dados por meio da abordagem do método do Caso Alargado, que segundo Santos (1983, p.11) "em vez de reduzir os casos às variáveis que os normalizam e tornam mecanicamente semelhantes, procura analisar, com o máximo de detalhe descritivo, a complexidade do caso, com vista a captar o que há nele de diferente ou de único", organizando e sistematizando os achados da pesquisa.

### **3 Resultado e Discussão dos Dados**

A grande dificuldade que encontramos ao localizar todos os trabalhos em seus respectivos GTs (03) e (06) foi a falta da nossa temática nos títulos dos trabalhos, e também, nos anos de 2004 até 2005, os cadernos da ANPED não possuíam resumos ou/e palavras-chave, dificultando a coleta dos artigos. Usamos como ferramenta para encontrar as palavras-chave nos artigos as funções de busca do Word 2010 e do Adobe Acrobat Reader DC 2010, articulando a junção das teclas CTRL+F, o que possibilitou escrever nos artigos completos as palavras-chave da temática.

Após essa tarefa árdua e rigorosa de seleção e escolha dos artigos que continham a temática proposta, encontramos um total de 5 trabalhos apenas, de um total de 146 artigos no GT (03) Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos e no GT (06) Educação Popular um total de 157 artigos completos. No geral, foram encontradas 303 produções científicas. Destacamos então, cinco produções científicas, quatro do GT (03) e um apenas do GT (06) que trazem para o debate o enfrentamento da LGBTfobia:

Titulo	Autores	Universidade	Abordagem Teórica	Participantes Da pesquisa	Tipo de Estudo e Metodologia	Ano de Publicação
"Você não sabe ainda como eu vim para o mundo?" - Educação e construção de identidades homossexuais: Adolescentes no movimento gay	FERRARI, Anderson	UFJF	Pós-estruturalista Estudos Culturais	GAG – Grupo de adolescentes gays de MGM- Movimento Gay de Minas e Projeto SE LIGA, do GGB – Grupo Gay da Bahia	Pesquisa de Campo Histórias de vida (cunho qualitativo)	2004
A negociação das identidades/diferenças culturais no espaço escolar	BACKES, José Licínio	UCDB	Pós-estruturalismo e Estudos culturais	Estudantes de uma escola particular (turmas de 1º, 2º e 3º ano)	Método de Articulação e Pesquisa de campo	2005
A escola em movimento: feminilidades homossexuais, Identidades, pertencimento e exclusão	CAVALEIRO, M. Cristina.	C. U. Fundação Santo André	Teorias de Gênero e Pedagogia das sexualidades	Um grupo de meninas Lésbicas		2006
Juventude: entre a indisciplina e a zoeira	NOGUEIRA, Paulo Henrique de Queiroz	UFMG	Sociologia Crítica	Professores e alunos/as	Pesquisa de campo e pesquisa etnográfica	2010
Repercussões da Experiência militante em outras esferas da vida: jovens engajados em partidos políticos	BRENNE R, Ana Karina	UERJ	Identidade e Sociologia do Conhecimento	21 jovens universitários (com faixa etária de 21 e 29 anos)	Entrevistas Biográficas	2012

Tabela 1. Trabalhos encontrados entre os anos de 2004 a 2015 no GTs (03) e (06) da ANPED com tema enfrentamento da LGTBFobia.

De 2004 até 2015, nos GTs (03) Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos e (06) Educação Popular foram publicados 303 trabalhos, e apenas cinco abordaram a temática de enfrentamento da LGTBFobia, o que representa cerca de 15,15% das publicações científicas dos GTs. Com isso, podemos destacar que os estudos e pesquisas nessas áreas são insuficientes para o debate urgente da LGTBFobia. Também vale ressaltar que os GTs 03 e 06 são produções teóricas importantes para desestabilizar o padrão heteronormativo imposto pela nossa sociedade, uma vez que os movimentos sociais e a educação popular são fronteiras contra o poder hegemônico e dentro dos processos de inteligibilidade dialogam com os coletivos e movimentos sociais LGTBs, mas, infelizmente, dentro do campo teórico das produções analisadas na ANPED há um profundo vazio epistemológico.

Quanto às produções dos cinco trabalhos encontrados nos GTs (03) e (06), destaca-se quatro trabalhos que são **pesquisa de campo**. Para Lage (2013): "uma pesquisa de campo deve ser conduzida na perspectiva de construir com os sujeitos da pesquisa ou os sujeitos do campo, novas contribuições teóricas com base na realidade vivida, expressada e consentida pelos grupos" (LAGE, 2013, p. 56). Sendo assim, trabalhar uma metodologia de pesquisa de campo leva o investigador ao encontro com a realidade nua e crua. Esse encontro gera profundas experiências, pois não existe nada mais edificante na vida de um pesquisador do que confrontar teorias e práticas, discursos e linguagens, corpo e movimento, esperteza e humildade.

Quanto à **abordagem teórica** utilizada nas pesquisas, elas não estão ditas de forma literal pelos pesquisadores, há uma menção aos teóricos e suas vertentes epistemológicas. As abordagens teóricas que se destacaram, sendo citadas entre linhas, foram os Estudos Culturais (HALL, 1997), os Estudos Pós-estruturalistas (VEIGA-NETO, 1999), a Sociologia do Conhecimento (BERGER, P. e LUCKMANN, T. 1985), os estudos de Diferença, Identidade e Currículo (BAUMAN, 2001); (MOREIRA & CANDAU, 2003) (SILVA, 2000) e (WOODWARD, 2000), Enfrentamento da LGBTfobia (MOTT, 2003, TREVISAN, 2005) e as teorias de Gênero (LOURO, 1999, BRITZMAN, 1996, SCOTT, 1999).

Já os **tipos de estudo**, como já introduzimos, estavam bem articulados em sua proposta pedagógica-metodológica, sendo possível localizar os procedimentos de entrevistas, aplicação de questionários e observação participante. Para um maior aprofundamento dos trabalhos apresentados nos GTs (03) e (06), situaremos um quadro-síntese elaborado com os dados das próprias produções científicas/autores, instituição, objetivo central e os principais achados das pesquisas.

Titulo e Ano de Apresentação do Trabalho	Autor (es) e Instituição de Ensino	Objetivos	Principais achados
"VOCÊ NÃO SABE AINDA COMO EU VIM PARA O MGM?" - EDUCAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES HOMOSSEXUAIS: ADOLESCENTES NO MOVIMENTO GAY (2004)	FERRARI, Anderson - UFJF	Tem como questão a ser investigada a relação entre educação e grupos gays organizados, buscando analisar até que ponto o trabalho desenvolvido pode ser entendido como educativo, já que um dos seus comprometicimentos é com a produção de conhecimento.	Nesse sentido, problematizar a inserção dos adolescentes nos grupos gays e discutir as ações pensadas por esses grupos para essa faixa etária é, a um só tempo, trazer para reflexão a construção das identidades homossexuais e a manutenção, a continuidade e a revitalização dos grupos. Unindo esses aspectos, está a produção dos discursos e imagens da homossexualidade, em um processo de educação que envolve a transformação dos indivíduos que estão construindo suas identidades como homossexuais e a mudança das imagens dos homossexuais presentes na escola, local de ação dos projetos dos grupos.
A NEGOCIAÇÃO DAS IDENTIDADES/DIFERENÇAS CULTURAIS NO ESPAÇO ESCOLAR (2005)	BACKES, José Licínio - UCDB	Como são negociadas as identidades e as diferenças culturais no espaço escolar.	Vê-se, assim, que os sujeitos estão sempre negociando suas identidades com as diferenças. Quando criticam publicamente determinados tipos de música, mas as escutam na hora do intervalo, estão negociando suas identidades e diferenças. Quando criticam quem assiste a TV aberta, mas seus assuntos nas segundas-feiras giram em grande parte em torno dos programas de fim de semana veiculados nesse tipo de televisão, estão negociando suas identidades e diferenças. Quando criticam os camelôs que montam barracquinhas, mas montam as suas nos Inter-Séries para vender mereida e arrecadar dinheiro, estão negociando suas identidades e diferenças. Quando não podem consumir, mas entram na fila fingindo que vão consumir, estão negociando suas identidades e diferenças.
A ESCOLA EM MOVIMENTO: FEMINILIDADES HOMOSSEXUAIS, IDENTIDADES, PERTENCIMENTO EXCLUSÃO (2006)	M. Cristina, - C. U. Fundação Santo André	Indagar pelas possibilidades que as jovens encontram para expressarem e vivenciarem suas feminilidades homossexuais, ou seja, constituírem suas identidades, afirmarem e ampliarem seus direitos, num contexto cultural e político habitado por discursos de permeabilidade e convivência e, simultaneamente, práticas de simulação, ambigüidade e discriminação como o espaço escolar.	As concepções identitárias, portanto, não se constroem no vazio social, mas de acordo, ou em resposta, às representações dominantes que, ao fixarem uma identidade como norma, conferem-se o poder de hierarquizar, de eleger num arbitrário cultural, uma identidade específica como parâmetros em relação aos quais as outras identidades serão avaliadas e classificadas, e incluídas em ordem de posições.
JUVENTUDE: ENTRE A INDISCIPLINA E A ZOAÇÃO (2010)	NOGUEIRA, Paulo Henrique de Queiroz - UFMG	Entender quais as causas subjetivas da indisciplina, mas, no decorrer da orientação, percebi que não se tratava de indisciplina, mas de processos sociais em que a subjetividade tinha um peso relevante na inserção desses alunos. E que, portanto, indisciplina era uma leitura possível de ser feita ao se perfilar favorável a organização dos alunos ensejada pela docência.	Se as pedagogias ativas ou as mais afinadas a processos construtivistas ainda demandam um sujeito a ser edificado e edificante é porque ainda se reitera a ilusão pedagógica. Ai, sim, caberá perguntar quais as novas funções do ato pedagógico e, em seu limite, quais as funções destinadas à escola, pois haverá uma margem não controlada pela ação pedagógica.
REPERCUSSÕES DA EXPERIÊNCIA MILITANTE EM OUTRAS ESFERAS DA VIDA: JOVENS ENGAJADOS EM PARTIDOS POLITICOS (2012)	BRENNER, Ana Karina - UERJ	A partir de entrevistas biográficas realizadas com 21 jovens universitários foi possível elaborar um breve porém significativo cenário de engajamento desses jovens em partidos políticos e dos deslocamentos produzidos pelo engajamento naquilo que se refere à socialização primária destes.	A militância produz experiências que se associam com aquilo que foi vivido pelos sujeitos antes do engajamento e produz novos códigos e significados para os militantes. É suposto que os sujeitos não estão completamente socializados e há espaço para a transformação de códigos e valores anteriormente internalizados, a partir das experiências vividas no presente.

Tabela 2. Síntese contendo título, ano, autor, objetivos e resultados.



Nesta apresentação síntese de cada pesquisa encontrada nos GTs (03) e (06) da ANPED, podemos analisar que as produções demarcam o fator da identidade como categoria analítica para romper com as subalternizações e silenciamento demarcado pelo padrão de cultura hegemônico. Já no enfrentamento da LGBTfobia, cada artigo traz uma possibilidade de subverter o preconceito e a discriminação, articulando teóricos e falas dos participantes das pesquisas como campo de experiências credíveis de existência, como bem problematiza Santos sobre a busca constante de uma razão cosmopolita e que credibilize a experiência como campo de diálogo, conhecimento e justiça social:

A ampliação do mundo ocorre não só porque aumenta o campo das experiências credíveis existentes, como também porque, com elas, aumentam as possibilidades de experimentação social no futuro. A dilatação do presente ocorre pela expansão do que é considerado contemporâneo, pelo achatamento do tempo presente de modo a que, tendencialmente, todas as experiências em práticas que ocorrem simultaneamente possam ser consideradas contemporâneas, ainda que cada uma à sua maneira (SANTOS, 2003, p. 15).

É bom contar com essas produções, mesmo que em pequeno número, para que possamos transformar a utopia de dias melhores, em dias presentes e futuros, em que as experiências de luta e de resistência no enfrentamento da LGBTfobia possam criar espaços de inteligibilidade recíproca, sejam no campo dos movimentos sociais, como no da educação popular.

## **4 Discussão Teórica**

### **4.1 A Emergência dos Movimentos sociais**

Como campo teórico e empírico, os movimentos sociais são verdadeiros lugares de cultura contra-hegemônica, de valorização das identidades e utopia de mudança social em seus vários aspectos (históricos, sociais, antropológicos, psicológicos e educacionais). Na década de 1960, o Ocidente vivenciou uma verdadeira explosão de culturas, abordando temas como a emancipação feminina na Europa, a luta do movimento negro pelos direitos civis nos EUA, e os estudos culturais desestabilizando o cânone científico e produzindo verdadeiros debates em torno da construção das identidades e da diferença. O movimento de contracultura também explodiu na Europa e nos EUA, trazendo para o debate a luta feroz contra o imperialismo americano. No final de década de 1960, em 28 de junho de 1969, o movimento de Gays, Lésbicas e Transgêneros explodem em São Francisco, tendo início uma verdadeira luta pelos direitos civis e pela liberdade de expressar o amor em todos os contextos sociais, comuns e normatizados ao público de heterossexuais.

Desde então, todos esses movimentos citados acima trazem uma concepção de educação em seus projetos de luta. E principalmente, trabalham numa perspectiva de inteligibilidade e interseccionalidade entre os pares. Na década de 1990, os movimentos sociais na América Latina ganham contornos na luta acirrada contra o imperialismo americano e seus impactos na economia, com a entrada de políticas neoliberais, de governos e de partidos políticos de tendência conservadora e de direita. Como nos fala Galvão (2008) sobre o cenário de caos instaurado em alguns países sobre a ótica da política neoliberal e os enfrentamos que a mesma recebeu.

Essa conjuntura deu origem a movimentos distintos, cuja unidade pode ser encontrada no questionamento do neoliberalismo. São movimentos que reagem ao desemprego, à precarização e à pobreza, exprimindo o descontentamento com as falsas promessas do neoliberalismo e com o slogan da modernidade (...) esses movimentos denunciam os tratados de livre comércio, a ingerência dos organismos multilaterais sobre as políticas governamentais, declaram-se antiimperialista que reconhecem sua autodeterminação e seus direitos coletivos (GALVÃO, 2008, p. 11).

É dentro desses contextos da luta para reconhecer seu lugar no mundo que os movimentos sociais contemporâneos trazem em seus aspectos fundantes uma politização crítica de seus militantes e ativistas. Como bem problematiza Lage (2013):

Neste território de luta política os integrantes dos movimentos sociais vão se forjando como sujeitos políticos no exercício da militância e dos processos de formação. Constroem em simultâneo uma nova territorialidade, onde o espaço traduz-se numa nova possibilidade de dimensão espacial, política, e cultural diferentes daquelas instituídas pelos poderes hegemônicos. Esta nova territorialidade, contra-hegemônica, rompe com a resignada condição de subalterno, emergindo em um novo lugar, tecido no âmago da luta (LAGE, 2013, p. 28).

Essa politização dos militantes é a grande contribuição teórica e prática que os movimentos sociais realizam, transformando os dilemas atuais em análises profundas de conjuntura no âmbito da política, e principalmente resignificando a luta pelo território, fugindo do gueto, que historicamente lhes foram colocados, para demarcar os territórios e as fronteiras muito bem fechadas pelo sistema imperialista e hegemônico. Nos deparamos atualmente com uma crise enorme de democracia representativa, na qual a retirada da Presidenta Dilma Rousseff da presidência do Brasil demonstra face a face o desmonte e o golpe que está muito bem articulado entre seus pares. E é dentro desse contexto de crise política que os movimentos sociais forjam a luta diária, convocando a população para ir às ruas, criando espaços de sociabili-

dade entre os movimentos sociais contra-hegemônicos na vanguarda da luta por uma democracia representativa, como bem contextualiza Galvão (2008):

Esses movimentos latino-americanos se originam ou se amplificam num contexto de crise da democracia representativa, cuja expressão são os limites à participação popular (decorrentes de sistemas políticos excludentes) e a degeneração de instituições políticas tradicionais (partidos e sindicatos marcados pela corrupção, por práticas autoritárias e pela incapacidade de representar as demandas sociais que emergem nesse novo contexto histórico). Sua constituição desafiou o espaço institucionalizado da política tradicional, fazendo frente à crise de representação, recusando a democracia delegativa e buscando novas formas de participação (GALVÃO, 2008, p. 15).

No não-reconhecimento de um governo sem representatividade e na luta contra os projetos de cunho neoliberal (reforma da previdência, reforma trabalhista e PEC 241/55 dos gastos públicos) que os movimentos contemporâneos trabalham efetivamente para frear esses projetos, trabalhado em processos de inteligibilidade recíproca (SANTOS, 2003), na busca de conquistar e ocupar territórios e fronteiras demarcados pela corrupção e os desmontes de políticas públicas (sociais e educacionais) que afetam, principalmente as camadas mais pobres, como o Brasil. Em contribuição com o debate, as pesquisadoras Freire e Barbosa (2011) nos falam que:

Estamos diante de novas experiências dos movimentos sociais cujos desafios postos para compreensão exigem um esforço de pesquisa, reflexão e ação que não podemos nos furtar. Acreditamos que o principal desafio posto ao debate é resgatar a centralidade da luta de classes como única possibilidade de fazer avançar de fato as lutas dos movimentos sociais (FREIRE & BARBOSA, 2011, p. 95).

Concordamos com Freire e Barbosa (2011) quando elas defendem a tese de que estamos vivenciando novas propostas de experiências forjadas dentro dos contextos dos movimentos sociais contemporâneos, porém, a crítica que se faz é que não só pela luta de classes que vamos realmente ter uma noção crítica da utopia ufanista dos movimentos sociais, mas é com processos de sociabilidade com outros movimentos, como o movimento feminista, de negros e negras e Coletivos LGBTs que vamos desestabilizar os ideários hegemônicos e propor uma mudança radical de democracia e representatividade.

#### 4.2 Educação Popular

A educação popular, como campo da *práxi* de uma pedagogia revolucionária, surge como modelo credível no enfrentamento a uma concepção de

escola enquadrada em um projeto hegemônico e de conhecimento positivista, pautados sob a égide de uma educação neoliberal, meritocrática, técnica e excludente. E a perspectiva popular ganha força empírica dos movimentos sociais populares, que são problematizados como “forças sociais e correntes de opiniões e proposições sobre/para o conjunto social que, atuando nos mais diferentes âmbitos das problemáticas humanas, geram processos de transformação e garantem sua autonomia em relação ao Estado e aos Partidos políticos” (SOUZA, 2007, p. 53) como bem esclarece o professor Dr. João Francisco de Souza (*In memoriam*), um dos maiores pesquisadores da área de educação popular, Movimentos Sociais e Educação de Jovens e Adultos no contexto da América latina.

Dentro desse contexto de luta, a educação popular tem suas origens nos contextos da América latina, e sendo perpetuado suas conceituações teóricas no Brasil nas contribuições de Paulo Freire. Como bem conceitua o professor Dr. Everaldo Fernandes da Silva (2011) em sua tese<sup>1</sup> sobre as abordagens históricas do surgimento da educação popular no Brasil dividido em cinco pontos:

- **Educação Popular:** rostos históricos - as acepções da Educação Popular foram tendo variações conforme os condicionamentos político-sociais prevaletentes e os movimentos reagentes e criativos que também se fizeram presentes ao longo do tempo (SILVA, 2011, p. 27);
- **Educação Popular como salvadora dos analfabetos** - A educação para as camadas populares impunha-se como um ensino que gerasse conformidade social, através de uma formação de teor e finalidades técnicas, mecanicistas e reprodutivas (SILVA, 2011, p. 27)
- **Educação Popular e Movimento de Cultura Popular** - A Educação Popular robustecia-se da cultura popular através da formação dos Círculos Culturais e dos Centros de Cultura que funcionavam como espaços de debates e conscientização das condições sócio-políticas em que o Brasil se situava (SILVA, 2011, p. 30).
- **Educação Popular e Movimentos Sociais** - Estes movimentos sociais populares, no sentido dos empobrecidos serem seus protagonistas, originaram-se na luta pela democracia e estendem-se aos períodos de transformações da geopolítica (SILVA, 2011, p. 33).
- **Rostos da itinerância** - O rosto que transcorre é a de uma expressão de educação associada aos sonhos e às práticas de participação popular na construção das suas histórias e com motivações de emancipação sociopolítica (SILVA, 2011, p. 35).

A concepção da história da Educação Popular no Brasil, como bem situa Silva (2011), demanda de uma luta histórica dos movimentos sociais populares de várias gerações e de vários segmentos, como de professores, de trabalhadores e trabalhadoras rurais/do campo, do MST, e de coletivos de expressão

<sup>1</sup> Link para ter acesso a Tese: <http://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/4161>

popular. Todas essas abordagens históricas e também epistemológicas transformam o cenário da educação, lhes dando uma intencionalidade e uma saída emergente para o quadro tecnicista e homogeneizador da cultura escolar dominante. Dentro desse contexto, Souza (2007) conceitua Educação Popular no contexto da América Latina:

Educação Popular é uma pedagogia e uma proposta pedagógica que formula uma concepção de educação de finalidades educativas, de conteúdos pedagógicos e de dispositivos de diferenciação pedagógica, a ser vivenciada, por meio das práticas pedagógicas, em que quaisquer âmbitos e agências educativas, enquanto uma das versões da teoria crítica em educação (SOUZA, 2007, p. 55).

Como nos fala Souza (2007), a Educação popular é uma pedagogia de cunho revolucionário, pois pretende, em suas abordagens epistemológicas, o enfrentamento de uma educação não-credível e de caráter autoritário, para uma pedagogia que jogue com as relações sociais, com as identidades híbridas, não-lineares, com a proposta de uma interculturalidade dialógica e de direitos humanos.

Enquanto uma educação popular também emergente em nossa contemporaneidade, as questões problematizadoras partem de uma leitura crítica do mundo (conscientização), e ao fazer essa (re)leitura, é preciso pôr em jogo, novamente, as questões atuais, e também históricas, de afirmar o porquê de estudar o contexto da educação popular em ambientes escolares, como elenca Souza (2007) sobre quais são os pontos chaves para se efetivar uma *práxi* pedagógica emergencial no contexto da educação popular como um todo:

- **Educação Popular como uma Pedagogia** – a educação popular se compreende como dinamizadora do aspecto organizativo pelo potencial da dimensão educativa própria não só das ações sociais, mas também do processo didático escolar (SOUZA, 2007, p. 101)
- **A Educação Popular e a escola, especificamente a escola pública** – a escolarização das camadas da classe popular se transforma numa questão central para a educação e é nessa área que também se torna urgente a atuação dos educadores populares que atualmente retomam um contato mais íntimo com os problemas vividos no processo de escolarização da maioria (SOUZA, 2007, p. 103)
- **A questão da aprendizagem** – nesse processo de aprendizagem, criam-se as condições de possibilidade de cada um manifestar seus pensamentos, compará-los, superá-los, numa nova síntese possibilitadora de decisões coletivas (SOUZA, 2007, p. 104)
- **Educação Popular, as mudanças no discurso político e a necessidade de resgatar a dimensão popular que a tem caracterizado** – a opção pela democratização levou ao reconhecimento de

sujeitos sociais não predominantes e à ampliação das agendas temáticas que hoje expressam o alternativo e o emancipador, assim como à superação da predominância do paradigma classista sem negá-lo (SOUZA, 2007, p.106).

- **A Educação Popular e a importância da democratização para os movimentos sociais** – revela-se em seis dimensões: o deslocamento do eixo do debate democrático, a compreensão da democracia como possibilidade da luta organizada pela qualidade de vida dos trabalhadores, como possibilidade de articulação das organizações populares e ainda como desenvolvimento integral da pessoa humana, revelando-a finalmente, como uma construção em aberto e processos de construção de uma outra cultura cívico-política (SOUZA, 2007, p. 108)

Todas essas questões levantadas por Souza (2007) despertam no imaginário social e educacional a importância de uma Educação Popular credível dentro das ciências, desestabilizando a razão metonímica que transfere toda a sua totalidade como uma lógica de monocultura do saber e do rigor do saber<sup>2</sup> (Sousa, 2003) e principalmente articulando dentro da *práxi* revolucionária dos movimentos sociais populares e seus educadores sociais, promovendo uma ecologia dos saberes<sup>3</sup> (SANTOS, 2003) propondo um permanente diálogo epistemológicos dentre dos saberes populares e dos saberes ditos “científicos”.

#### 4.3 O Enfrentamento da LGBTfobia

A homossexualidade no decorrer da história está ligada intrinsecamente à noção de sexualidade. No século XIX, a noção de homossexualidade estava sendo fabricada como uma noção de perversão, anormalidade, antinatural e cabível de cura por médicos, psiquiatras e psicólogos. Os pesquisadores Prado e Machado (2008) ao contextualizar a noção de homossexualidade atrelada à sexualidade produzida como desejo e comportamento de orientação heterossexual, descreve alguns modelos de sexualidade produzidos a partir de grandes teóricos, como Costa (1995), Giddens (1993), Loyola (2003), Rohden (2003) e Toniette (2003) entre outros. Esses modelos seriam conhecidos como:

<sup>2</sup> Consiste na transformação da ciência moderna e da alta cultura em critérios únicos de verdade e de qualidade estética, respectivamente (SOUZA, 2003, p. 12)

<sup>3</sup> O confronto e o diálogo entre os saberes é um confronto e diálogo entre diferentes processos através dos quais práticas diferentemente ignorantes se transformam em práticas diferentemente sábias (SOUZA, 2003, p. 16)

<p>Modelo de sexo único</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nesse período, diferenças entre homens e mulheres eram consideradas como grau de desenvolvimento em uma mesma classe ontológica, na qual o corpo da mulher era considerado defeituoso e imperfeito (p. 35)</li> <li>• Neste modelo, o homem afeminado ou a passividade não eram relacionados diretamente ao comportamento sexual passivo, mas se destinavam a identificar aquele que se colocava passivamente em relação aos prazeres (p.35)</li> <li>• Isto nos leva a concluir que nem sempre existiu a distinção heterossexual/homossexual, uma vez que a separação dos sexos não era possível (p.35)</li> </ul>
<p>Modelo do dimorfismo radical</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• As mulheres passam a ser vistas como um sexo diferente, biologicamente determinado, e nesta diferença se ancorariam as justificativas necessárias para a desigualdade entre os sexos, agora traduzidas em uma “inecapacidade” das mulheres para desenvolver as tarefas de mais importância e prestígio social (p. 36)</li> <li>• Os indivíduos que desviassem seus comportamentos daquilo que se entendia como “natural”, daquilo que a natureza cobra de cada sexo, seriam vistos como imperfeitos, patológicos. Surge então, a idéia de perversão e degenerescência (p. 37)</li> <li>• A distinção regulatória que se estabeleceu entre heterossexuais e homossexuais se erigiu colocando a heterossexualidade burguesa como “natural”, como a única experiência identitária capaz de expressar o desejo sexual humano de forma saudável e correta (p. 38)</li> </ul>
<p>Modelo de diversidade sexual</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A transformação dos discursos sobre a sexualidade, associados a uma série de transformações sociais, que Giddens (1993) chamou de “revolução sexual”, tornou possível uma resignificação da sexualidade, na medida em que estes discursos contribuíram lentamente para a desessencialização ou desnaturalização da sexualidade (p. 40 e 41)</li> <li>• Com a contracultura e a rebeldia disseminadas pelo conjunto de movimentos que dela fizeram parte, tornaram-se possíveis quebras radicais de valores sociais no espaço de uma geração para outra. Iniciado nos anos 1950, esse processo de contestação social representou uma profunda transformação para os padrões familiares, na medida que os jovens passaram a cultuar valores libertários e buscar formas de comportamento e expressão alternativas na produção de culturas marginais (p. 41)</li> </ul>

As identidades sexuais produzidas pelo discurso médico e científico no século XIX nomeou as noções de sexo, sexualidade e gênero, hierarquizando e fabricando os desejos, os comportamentos e as identidades. Dentro desse panorama geral, a heterossexualidade foi fabricada discursivamente como a regra e a norma a ser seguida. A sexualidade é ligada à moral, aos bons costumes e à uma vida saudável. O gênero e a identidade de gênero estariam em plenitude com o sexo biológico e o desejo sexual, bem como o comportamento estariam ligados à reprodução e à uma relação monogâmica, distribuídas em pares dicotômicos (homem/mulher; macho/fêmea).

Grandes foram os estudiosos da sexualidade humana no século XIX, e suas descobertas científicas produziram todo um imaginário social e científico das sexualidades, principalmente da homossexualidade. Podemos destacar grandes nomes, como o médico e psicólogo britânico Henry Havelock Ellis (1859 – 1939) que dedicou parte de seus estudos a problemática da homossexualidade até o Jurista e médico alemão Magnus Hirschfeld (1868 – 1935) que foi um dos maiores ativistas LGBT em prol dos nossos direitos civis e pelo fim das Leis que puniam a homossexualidade. Santos (2002) problematiza essa noção de ciência universal, objetiva e generalizável a partir de uma cultura do

tempo linear, em que aquilo que é “ignorante”, “residual” (ou atrasado), “inferior”, “local” e “improdutivo” é fabricado como não credível de existência.

Assim como o movimento feminista luta pelo fim do patriarcado contemporâneo, da misoginia e do poder androcêntrico, como também o movimento Negro luta pelo fim do racismo e suas formas de opressão e subalternização, o movimento LGBT luta pelo enfrentamento da LGBTfobia. O movimento agrega as identidades que as integram e reivindicam no campo do direito, da saúde, da educação e da política o fim pela LGBTfobia. Tarefa árdua, urgente e emergente.

No Brasil, as atividades dos ativistas homossexuais seguiam uma metodologia diferenciada do ativismo Europeu e Norte-americano. Predominava-se aqui uma hierarquização de gênero e sexualidade entre as identidades sexuais, como problematiza Santos (2002) sobre a ordem da classificação social que coloca os homens acima das mulheres numa posição binária, bem como a heterossexualidade acima da homossexualidade. A primeira hierarquia, de fato, se torna ao longo dos séculos a referência de virtude, comportamento, desejo, identidade e poder. Os pares binários subalternizados como as mulheres, os negros e negras e LGBTs entre outras identidades marginais foram/são fabricadas como não credível de existência. Podemos elencar um breve percurso histórico de como a experiência brasileira produziu o fenômeno da identidade homossexualidade a partir das contribuições de Simões e Fachinne (2009):

- Outro aspecto distingue o Brasil em relação a países como Estados Unidos, Alemanha e Reino Unido. Enquanto nessas nações a homossexualidade foi considerada durante muito tempo uma prática criminosa, por aqui as referências à sodomia deixaram de fazer parte do Código Penal desde 1830 (p. 54)
- A hierarquia de gênero, articulada a partir da oposição masculinidade/atividade sexual *versus* feminilidade/passividade sexual, engloba de forma sistemática todas as categorias e identidades sexuais. Homens sexualmente “passivos” e mulheres sexualmente ativas, “bichas” e “sapatões” seriam percebidos como uma espécie de híbridos (p. 54)
- Também se desenvolveram no Brasil versões da moderna identidade homossexual como uma qualidade inerente à pessoa (...) na lógica desse modelo médico-psicológico, orientação sexual e gênero, dividindo os homossexuais em “ativos” e “passivos”, sendo os últimos os “homossexuais de verdade” (p. 57)
- Em lugar de “bichas” e “homens” (ou “bofes”), ou de “sapatões” e “mulheres” (ou ladies), formam-se novas categorias de identidade sexual, tais como “entendido”, “entendida”, “homossexual”, “gay” e “lésbica”, de acordo com a visão de que é a orientação do desejo que importa para nomear os parceiros de uma relação homossexual,



e não mais os papéis sociais relativos a masculino/feminino nem a atividade/passividade sexual (p. 57)

- As diferenças entre o modelo hierárquico e o modelo igualitário seriam, pois, uma maneira privilegiada de expressar e constituir distinções de classe. O emergente movimento homossexual, por sua vez, tenderia a incorporar a crítica aos papéis de gênero convencionais, inicialmente formulada pelos movimentos feministas, e entraria em tensão com os valores e comportamentos que prevaleceriam no universo “tradicional” e supostamente “retrógrado” das “bichas”, “sapatões” e travestis (p. 58).

Toda essa produção emergente do ativismo homossexual brasileiro e suas divergências no campo médico-psicológico para o campo identitário/igualitário foi de extrema importância para a estrutura das categorias políticas do movimento LGBT contemporâneo. Hoje a cena das identidades LGBTs é gerada de forma plural, híbrida e não-linear. Diante dessas questões emergentes, surgem também os primeiros grupos de ativistas homossexuais no Brasil. Em 1978 é criado o grupo SOMOS, na cidade de São Paulo, espaço em que o mundo vivenciava a contracultura *hippe* e as novas configurações do movimento Negro com os estudos culturais e a produção feminista na Europa e nos EUA. O cenário brasileiro era um dos piores, a ditadura militar ditava seus desejos políticos e sociais e os grupos de esquerda, de jovens secundaristas e universitários e cantores tropicalistas batiam de frente e criavam resistência.

Como bem nos fala Simões e Fachinne (2009) sobre o nascimento de grupos ativistas de maior profundidade no debate das questões da homossexualidade no Brasil e o processo de estruturação do movimento para poder disputar projetos e financiamentos que colocassem em xeque a questão do combate à LGBTfobia e a busca de dignidade por meio da cidadania:

- O Somos era composto exclusivamente por homens, passando posteriormente a ser frequentado por mulheres, que se organizavam em grupo separado – o Grupo de Ação Lésbica-Feminista (GALF) (p. 61)
- A partir de meados dos anos 1980, é possível observar o desenvolvimento de um estilo de militância de ação mais pragmática, mais preocupada com aspectos formais de organização institucional e voltada para a garantia dos direitos civis e contra a discriminação e a violência dirigidas aos homossexuais. São exemplos desse ativismo o Triângulo Rosa e Grupo Gay da Bahia (GGB) (p. 61)
- A partir do início dos anos 1990, podemos identificar a crescente aproximação dos grupos e associações homossexuais com o modelo ideal das organizações não-governamentais (ONGs), com a criação de estruturas formais de organização interna e preocupações com a elaboração de projetos de trabalho em busca de financiamentos (p. 62)

Do caráter identitário até uma (re)estruturação de suas categorias e ações políticas, o movimento LGBT contemporâneo busca incansavelmente o fim da violência LGBTfóbica e a criação e acesso às políticas públicas (sociais e educacionais) que percorram nos ambientes, transformando o ideário LGBTfóbico em crime. Hoje, as identidades LGBTs não seguem necessariamente padrões de desejo, comportamento e identidade, seja ela heterossexual ou homossexual. O discurso da LGBTfobia mostra a repulsa, o pavor da contaminação, e o receio dessa proximidade ruir as amarras que sustentam o padrão da heterossexualidade no sujeito. O incômodo contra a diferença, que se torna cada vez mais insuportável quando esta presença se torna mais próxima, intimida o sujeito LGBTfóbico a querer expulsar de si qualquer pensamento ou vestígio que venha a pôr em dúvida sua própria sexualidade. Como bem problematiza Borrillo (2010):

A homofobia é uma manifestação arbitrária que consiste em designar o outro como contrário, inferior ou anormal; por sua diferença irreduzível, ele é posicionado a distância, fora do universo comum dos humanos. Crime abominável, amor vergonhoso, gosto depravado, costume infame, paixão ignominiosa, pecado contra a natureza, vício de Sodoma – outras tantas designações que, durante vários séculos, serviram para qualificar o desejo e as relações sexuais ou afetivas entre pessoas do mesmo sexo. Confinado no papel do marginal ou excêntrico, o homossexual é apontado pela norma social como bizarro, estranho ou extravagante (BORRILLO. 2010, p. 13 e 14).

A LGBTfobia tem provocado uma cena de barbárie nas vidas dos LGBTs, acrescida de preconceito, violência (verbal, física, patrimonial e simbólica) e discriminação, negando direitos básicos como saúde, educação e emprego, tornando-os sujeitos subalternizados. Hoje, no enfrentamento da LGBTfobia, cria-se experiências de inteligibilidade credíveis de experiência da cena LGBT: os corpos são modificados, os desejos são múltiplos, as travestis reinventam o sexo e a identidade, os gays e as lésbicas subvertem os padrões de gênero e desejo, os bissexuais ganham um pouco mais de visibilidade na agenda de filmes, da moda e do cinema. E a cena ausente do homem trans invade as casas brasileiras por meio da novela – canal esse criador de senso comum e de grande apelo da sociedade.

## 5 Considerações Finais

Retomando a nossa investigação científica inicial “Quais as contribuições teóricas metodológicas desenvolvidas no campo dos movimentos sociais e na educação popular para o enfrentamento da LGBTfobia”? Ao analisarmos os GTs (03) e (06) da ANPED nos anos de 2004 – 2015, podemos perceber o quão pouco é debatido do enfrentamento da LGBT nas escolas e na sociedade.

Apenas dois artigos traziam de forma mais objetiva o enfrentamento direto da LGBTfobia e como desestabilizá-la. Os outros três artigos trouxeram o debate de forma mais geral, trazendo outros elementos para o debate, mas não aprofundado teoricamente a desestabilização da LGBTfobia.

É urgente o debate do enfrentamento da LGBTfobia, não só pelo viés da educação e da sociedade, como também através de produções científicas que usem de suas produções para romper com o silêncio do preconceito e da discriminação que lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais enfrentam cotidianamente.

As pesquisas conhecidas como Estado da Arte e/ou Revisão de Literatura aparecem para ajudar as pesquisas acadêmicas no levantamento de dados qualitativos e quantitativos, principalmente no campo da educação, pois possibilita ao pesquisador uma amostragem de dados teóricos e empíricos de uma determinada temática, mas também faz com que nós, pesquisadores, tenhamos outros contextos e outras curiosidades científicas numa determinada temática.

Uma crítica que se faz necessário trazeremos é sobre a não-disponibilidade dos resumos e das palavras-chave nos cadernos de artigos da ANPED, nos anos de 2004 e 2005, o que fez com que fossem lidos na íntegra todos os trabalhos desses anos. Um bom resumo de uma produção científica deve conter entre seus elementos textuais: a problemática, uma introdução sucinta elencando o problema de pesquisa, o objetivo geral e os específicos, as categorias teóricas e a metodologia, enunciando seu procedimento de análise e futuras ou não conclusões.

Mesmo vivenciando um período em que ganhamos bastante visibilidade no meio social e educacional, ainda se perdura uma noção bastante conservadora sobre a homossexualidade e a prática homossexual. Dentro de um panorama geral, as maiores reivindicações por uma visibilidade social partem do princípio básico da dignidade das identidades LGBTs. Podemos elencar as questões de Projetos de Lei que criminalizam a LGBTfobia, decretos através do poder judiciário para garantir, por exemplo, a utilização do nome social em departamentos públicos de âmbito federal, estadual e municipal para o público de travestis e transexuais. Ter de forma transparente as políticas de controle social, para que a comunidade LGBT possa participar efetivamente e atuar em espaços antes negligenciados.

A urgência de se pautar políticas públicas em prol da população LGBT e a produção de conhecimento científico para embasar debates de cunho acadêmico e construir epistemologias a partir de uma cultura forjada no campo da fronteira, do gueto, da marginalidade. Uma das maiores tarefas atualmente é construir uma escrita acadêmica que dê conta das subjetividades do outro. Outra pauta são os novos arranjos familiares, conhecidos como união estável entre pessoas do mesmo sexo.

## Referências

- ANPED. Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes-cientificas/nacional>. Acessado em: 25 de maio.2017.
- BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- BRENNER, Ana Karina (2012). **Repercussões da Experiência militante em outras esferas da vida: jovens engajados em partidos políticos**. Disponível em: [http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT03%20Trabalhos/GT03-2416\\_int.pdf](http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT03%20Trabalhos/GT03-2416_int.pdf) acessado em: 15 de jun.2017.
- CAVALEIRO, M. Cristina (2006). **A Escola em Movimento: Feminilidades Homossexuais, Identidades, Pertencimento e Exclusão**. Disponível em: <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT03-2589--Int.pdf>. Acessado em: 15 de jun.2017.
- FERRARI, Anderson (2004) **“você não sabe ainda como eu vim para o mgm?” Educação e construção de identidades homossexuais: Adolescentes no movimento gay**. Disponível em: <http://27reuniao.anped.org.br/gt03/t032.pdf>. Acessado em: 15 de jun.2017.
- FREIRE, Silene de Moraes. BARBOSA, Maria Clara de Arruda. **Movimentos Sociais na América Latina: Principais Aspectos Posto ao Debate**. Temporalis, Brasília (DF), ano 11, n.21, p.71099, jan. /jun. 2011.
- GALVÃO, Andréia. **Os Movimentos Sociais da América Latina em Questão**. Revista Debates. Dossiê Cultura Política e Democracia. Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 8-24, jul. - dez. 2008.
- LAGE, Allene. **Educação e Movimentos sociais: caminhos para uma pedagogia de luta**. Recife: ed. Universitária da UFPE, 2013.
- LAVILLE, Christian, DIONNE, Jean. **A Construção do Saber: Manual de Metodologia da Pesquisa em Ciências Humanas**. Porto Alegre, Editora UFMG, 1999.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- MINAYO, M. C. S. (Org); DESLANDES, S. F.; CRUZ NETO, O. GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 27. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- NOGUEIRA. Paulo Henrique de Queiroz (2010). **Juventude: entre a indisciplina e a zoação** – UFMG. Disponível em: <http://33reuniao.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT03-6467--Int.pdf>. 2010. Acessado em: 15 de jun.2017
- PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito contra homossexualidades: A hierarquia da invisibilidade**. São Paulo: Cortez, 2008.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Os conflitos urbanos no Recife: o caso do “Skylab”**. Revista crítica de Ciências Sociais, nº 11, maio, pág. 9-59. Coimbra: Centro de Estudos Sociais, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Para uma Sociologia das ausências e das Emergências**. Porto: Edições Afrontamento, 2003.
- \_\_\_\_\_. **A Gramática do tempo: para uma nova cultura política**. Cortez Editora, 2006.
- SILVA, Everaldo Fernandes da. **Processos Aprendentes e Ensinantes dos/as Artesãos/ãs do Alto do Moura: Tessitura de Vida e Formação**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CE. Centro de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2011.
- SIMÕES, Júlio Assis. FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2009.
- SOUZA, João Francisco de. **E a educação Popular: ?? quê ??** Uma pedagogia para fundamentar a educação, inclusive escolar, necessária ao povo brasileiro. Edições Bagaço, janeiro de 2007.